

CNPEM terá laboratório de alta segurança para estudar micro-organismos

Thiago Rovêdo
thiago.roviedo@rac.com.br

Sirius, a mais moderna fonte de luz síncrotron brasileira, é a maior e mais complexa infraestrutura científica já construída no País. Além disso, vai se tornar um centro de estudos, também chamado de laboratório de contenção máxima. Esse foi o caminho que o engenheiro eletrônico e físico Rogério Cêzar de Cerqueira Leite apontou para o futuro do famoso laboratório campineiro, durante um encontro com o presidente-executivo do **Correio Popular**, Ítalo Hamilton Barioni.

Cerqueira Leite explicou que esse centro estudará uma variedade de micro-organismos, que inclui agentes biológicos com grande poder de transmissibilidade, em especial por via respiratória, ou de transmissão desconhecida. Esse laboratório será considerado de grau 4 porque sua atividade tem riscos ocupacionais de maior proporção. Segundo explicou o físico, laboratórios de contenção máxima têm a possibilidade de analisar não só o vírus em si, mas até mesmo os átomos que o compõem, podendo, assim, auxiliar na produção de tratamentos, medicamentos e até mesmo na cura, dependendo do vírus.

O especialista se formou em Engenharia Eletrônica pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e obteve seu doutorado em Física pela Universidade de Paris — Sorbonne. Ele dirigiu o Instituto de Física e criou o Departamento de Física do Estado Sólido da Universidade de Campinas. Foi o primeiro no País a utilizar o laser para estudar as propriedades dos materiais. Ainda na Unicamp, implantou o Departamento de Música e, em seguida, o Instituto de Artes.

Como o senhor começou sua vida na ciência?

Eu nasci em uma cidade bem pequena do interior de São Paulo, chamada Santo Anastácio. Mas minha família é de Campinas, inclusive Francisco Glicério é irmão de meu tataravô. Eu até até escrevi um livro sobre minha história, porque há coisas que eu nem tinha coragem de contar para os meus filhos. Fui um garoto meio endiabrado e essas coisas a gente não sabe falar, então, resolvi escrever e colocar no papel. Meu pai era delegado de polícia, mas ele morreu muito cedo, quando eu tinha 14 anos.

Sempre fui bem independente e costumava fazer o contrário do que me mandavam. Terminei a escola em São Paulo e, depois, ingressei no Instituto de Tecnologia da Aeronáutica, que era considerado o futuro da ciência. Ele é até hoje uma boa escola, com excelentes professores e boas práticas didáticas. Lá, eu não fui um aluno brilhante, por assim dizer, até porque tinha, ao mesmo tempo, que trabalhar. Mas fiz grandes amizades, mantendo-as até depois que saí de lá. Naquele época, passou por lá uma espécie de gênio francês, que era professor em Paris, na Universidade de Paris, que é chamada de Sorbonne e era a grande escola de ciência da França. Eu comencei a ter um contato mais próximo com ele e fui fazer o doutorado em Paris. Posso dizer que tive sorte de tê-lo conhecido, senão eu iria cair na gandaia mesmo.

Como foi esse período após o doutorado?

Pois bem. Paris é uma grande produtora de cultura e vivi muito esse mundo também, até porque gosto bastante de música. Depois, fui convidado para ir aos Estados Unidos, em um local que é um grande centro de ciência. Só para você ter uma ideia, eram mais de 3,5 mil pessoas com doutorado no mesmo lugar. De lá, tentei voltar para o Brasil, mas cheguei em 1964 no começo do golpe militar. A situação estava muito ruim. Tentei formar um grupo na Universidade de Brasília, que estava sendo montada na época. Mas foi impossível aguentar os militares e lembro que teve um grande pedido de demissão em massa de professores. Nessa época, conheci uma pessoa que já estava tentando abrir um laboratório na USP que casava com as minhas convicções na Física. Cheguei a conversar com o reitor, mas não deu certo porque ele não achava importante montar um laboratório. Em uma dessas conversas, uma pessoa ligada a pesquisas na Unicamp me chamou e alinhiei com a instituição, que quis receber meu projeto e meu grupo.

Cheguei a um ponto que precisava tomar uma decisão: virar e continuar nos Estados Unidos ou voltar de vez para o Brasil. Meus filhos já estavam virando americanos, pela convivência desde pequenos com a cultura local, e resolvi vir para Campinas. Trouxe americanos, hindus e foi o que fez o trabalho acontecer.

E como o senhor avalia o período na Unicamp?

Foi um período complicado, com quase nenhuma publicação científica. É uma universidade que não faz publicações vira uma escolhida. Tinha muita gente boa, mas não havia pesquisa de relevância. Quase foi embora, mas resolvi ficar e passei quase 15 anos como professor. Acredito que fiz um bom trabalho na organização. Acho que tem muita gente que não deve gostar de mim, porque fui mudando os professores, tive que demitir muita gente, não só da Física, mas de outras áreas. Havia muita gente que não tinha condições de estar ali. Após a Unicamp, fui trabalhar na CPTI e não via mais motivo para voltar para a Unicamp, até porque tinha tentado ser reitor e não consegui. Esse foi meu histórico e já faz 35 anos que deixei a universidade, mas sei que fiz um ótimo trabalho e deixei um legado bom por lá.

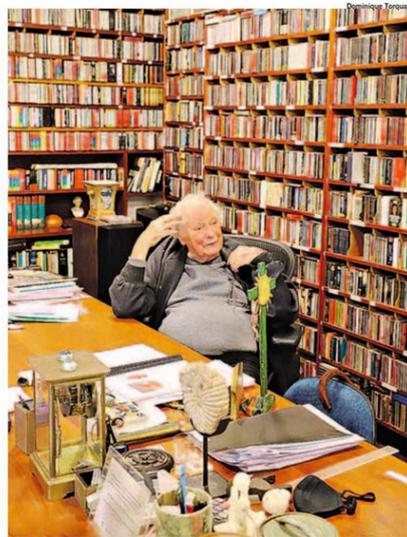


Sirius, a mais moderna fonte de luz síncrotron brasileira, é a maior e mais complexa infraestrutura científica já construída no País

CIÊNCIA

Sirius terá laboratório inédito para investigar organismos patogênicos

Informação foi dada pelo físico Rogério Cêzar de Cerqueira Leite



Rogério Cêzar de Cerqueira Leite durante entrevista concedida ao **Correio Popular**

O senhor trabalhou na implantação do laboratório Sirius. Como é o trabalho lá?

Eu ajudei a implantar o Sirius, mas é um trabalho de muita gente. No fundo, o objeto de pesquisa é física de matéria, dos sólidos, é aquilo que a gente faz lá. O Sirius é um instrumento que permite fazer isso com mais detalhes do que grande parte do que existe pelo mundo. Fiz muita coisa com laser. Área da qual sou especialista, que foi um acréscimo de instrumento científico. O Sirius é a maior e mais complexa infraestrutura científica já construída no País, projetada para produzir a luz síncrotron mais brilhante dentre todos os equipamentos na sua faixa de energia.

Sirius irá contribuir para a solução de grandes desafios científicos e tecnológicos, como o desenvolvimento de vacinas, medicamen-

tos e novos tratamentos para doenças, por exemplo. Ele tem a capacidade de 40 laboratórios e um potencial de crescimento muito grande, porque atualmente está com seis linhas e já dá para fazer muita coisa. O Sirius também permitirá estudos visando um melhor aproveitamento de fontes de energia renováveis, melhores processos de extração de petróleo em águas profundas e muitas outras aplicações, com potencial para gerar grandes impactos econômicos e sociais.

Na Suécia, onde há um consórcio europeu, há uma réplica do Sirius, mas menos eficiente. Não há nenhum projeto em andamento para algo parecido. Tentam adaptar instrumentos para realizar o mesmo que o Sirius faz, mas não é igual. O Sirius tem muito pouco parecido com o que ele faz no mundo.

“**Temos uma proposta, já aprovada, com verba reservada, que é montar um laboratório de alto risco. Seria um laboratório inédito no Brasil e que não há muitos no mundo. É chamado de segurança de quarto grau, porque é muito rígido em todo o processo. A função dele será a manipulação de micro-organismos da classe de risco quatro.**”

O que o senhor acha que o Sirius pode mostrar ao mundo nos próximos anos?

Não temos pretensão de ter um Prêmio Nobel, não ao menos nos próximos anos. Eu espero muitos frutos dos usuários. Antes da pandemia, 72 instituições do exterior vieram usar o laboratório, ainda quando o grande Sirius não estava inaugurado. A quantidade de brasileiros, então, é imensurável, de praticamente todas as universidades, onde já fomos inclusive dar aulas de como ele deve ser usado, o que ele pode fazer, etc.

Nós temos uma proposta, já aprovada, com verba reservada, que é montar um laboratório de alto risco. Seria um laboratório inédito no Brasil e que não há muitos no mundo. É chamado de segurança de quarto grau, que é muito rígido em todo o processo. Ele também é chamado de laboratório de contenção máxima. A função dele será a manipulação de micro-organismos da classe de risco quatro, onde há o mais alto nível de contenção.

O Sirius também colaborou com os estudos da covid-19 na época em que a pandemia estava em alta. Houve um trabalho que foi publicado, mas ele ainda é bem básico, que não atinge a mídia, porque não era um trabalho para curar alguém. Mas ele prepara outras áreas e aponta caminhos que devem ser tomados em relação aos átomos do vírus. O trabalho trouxe detalhes inéditos do processo de reprodução do vírus. Com isso, abriu-se caminho na busca por fármacos que possam inibir esse mecanismo de replicação dentro das células. O trabalho realizado por pesquisadores da USP de São Carlos foi publicado em edição especial do *Journal of Molecular Biology* e isso é muito importante.



Tenho cerca de 4 mil itens. Tenho peças pré-colombianas, africanas, chinesas. Considero que a minha está um pouco acima das que existem no Brasil, porque é mais ilustrada, mais trabalhada"

Cerqueira Leite pretende montar um museu no IAC

Intenção é expor, em parte do prédio, coleções de artes de sua propriedade

Fotos: Dominique Torquato



Cerqueira Leite tem uma imensa biblioteca, que contém livros adquiridos nos países que visitou e também coleções antigas compradas de famílias no Brasil

O senhor também é famoso pelas artes. Como começou essa relação?

Sempre viajei bastante, fui para vários países. Gostava de tudo que via, comprava muita música, muito livro. Tenho uma biblioteca imensa, que chega à beira de esnobismo e nem vou negar que pode ser também. Eu queria saber mais que todo mundo, lia o dia todo. Se alguém falasse de algum assunto que eu não soubesse, no dia seguinte eu estava lá estudando sobre o tema. Como eu era rejeitado pelo comportamento, eu procurava compensar, me cultivando um pouco mais que os demais faziam.

Então, eu fui comprando livros e houve um momento no Brasil que foi oportuno para isso. As antigas famílias iam morrendo e deixando uma pequena coleção e eu conhecia umas pessoas que viviam só de procurar essas peças para revender. Com a ajuda desse pessoal, que foi muito útil, escavando o Brasil inteiro, consegui ter uma coleção razoavelmente boa, principalmente quando são analisadas as coleções particulares que existem por esse País.

Eu me preparo, estudo sobre os itens. Eu sempre participei de perto de todas as minhas coleções. Tem uma pré-colombiana, por exemplo, que está no Masp, em São Paulo, que é comparável à minha, mas de restante, vai ser bem difícil encontrar no Brasil algo parecido com o que tenho aqui. Há diversas peças aqui que não existem no mundo — nenhuma —, nem parecidas. Há muita cópia ou falsificação, mas igual não. Eu posso dizer que não tenho catálogos, mas tenho tratados sobre alguns períodos de arte.

Como está a sua coleção de artes atualmente?

Tenho cerca de 4 mil itens. Tenho peças pré-colombianas, africanas, chinesas. Claro que em grandes museus pelo mundo há coleções maiores, como a africana, por exemplo. Mas considero que a minha está um pouco acima das que existem no Brasil, porque a minha é mais ilustrada, é mais trabalhada. Foram anos com arqueólogos trabalhando nessas obras. Por isso, o que estou oferecendo não é apenas um conjunto de obras, mas um trabalho de diversos colaboradores, especialistas em história, especialista em artes, mas principalmente especialistas em arqueologia.

Eu não tenho procurado muita gente. Acaba sendo uma ou outra pessoa que vem na minha casa e eu falo sobre toda a coleção que tenho. Quero deixar em um museu permanente. Algumas já foram expostas em Campinas e São Paulo e também no exterior em grandes exposições, mas eu acho que é um patrimônio cultural importante para o Brasil, por isso, gostaria de ter um museu permanente para onde elas possam ir. Daqui a pouco, eu morro, ficam para os meus filhos e depois para os netos, mas a coleção vai acabar se desfazendo, se separando e perder o seu valor como uma grande coleção.

Eles gostam, e eu sei disso, mas depois de uma segunda ou terceira geração de família, isso muda. Eu já comprei muita coisa de terceira geração de famílias que não se importavam tanto, ou que herdaram ou, então, de pessoas que precisavam de algum dinheiro por necessidade da época.

Qual a ideia que o senhor tem para elas?

Tenho ofertas para separar as coleções, mas não é isso que eu queria. Eu estou brincando, e é dessa briga que eu gostaria que vocês falassem, para conseguir a cessão de uso do prédio do Instituto Agronômico de Campinas. Tem uma coleção de prédios vazios que entendo como perigosos para receber o que pretendo fazer. Fazer doação é caro demais. Se eu fosse fazer doação, iria custar muito di-



A coleção de artes reúne mais de 4 mil itens: são peças pré-colombianas, africanas, chinesas e de vários outros lugares do mundo

nheiro, então, montar um museu com as peças seria a melhor forma de expor esses artefatos todos. São cerca de 4 mil peças com um certo valor acadêmico, entre outros valores. É um acervo que tem peculiaridades de importância acadêmica nacional e internacional. Tenho peças que são únicas no mundo e elas estão comigo.

Quais seriam os próximos passos?

Pedi um encontro, conversei com o diretor, mas ele me disse que o prédio estava em uso. Conversei com um grande amigo do governo, mas o projeto não anda. Considero que Campinas degradou-se um pouco culturalmente. Em Campinas, há muito tempo, havia um grupo de teatro, mas era

muito amador e não ajudava. Eu tentei melhorar, trouxe gente para cá, mas é difícil conseguir. Eu contratei um pessoal muito bom de teatro na época da Unicamp, mas não tinha nenhum local para dar aula. Eu brincava com eles para fazer igual os gregos faziam, andando pela universidade e ensinando. Criei o Departamento de Música lá também, com gente boa e com gente mais modesta, mas isso também faz parte. O importante é ir melhorando o lugar para torná-lo suficientemente atraente para que os melhores do mundo queiram vir por conta do prestígio. É assim que se cria uma escola, um instituto de pesquisa ou algo parecido. A USP, apesar de todos os problemas, tem ótimas frentes e linhas nesse sentido. A Unicamp já teve, mas acho que hoje em dia ela está ficando para trás. Sei que são palavras fortes, mas tenho que assumir também o que falo.

Além das obras de arte, o senhor também tem uma ligação com a música?

Eu era muito amigo do prefeito Magalhães Teixeira e consegui convencê-lo que havia uma orquestra ainda amadora e Campinas precisava preencher essa lacuna. A cidade precisava ser conhecida por ser um centro artístico. Consegui mostrar que eu contrariaria os músicos da linha de frente pela Unicamp e ele ficaria responsável pelo restante das contratações. Entendo que a formação da orquestra tem que ser do município e não de uma universidade. Com isso, foi possível montar uma boa orquestra, que foi evoluindo com o passar dos anos e passou a ser reconhecida no Brasil todo. Lembro que arrumei briga na época em que contratei o maestro Benito Juarez, mas também deu certo. Com o Toninho e também minha ajuda, ela deslançou ainda mais.

Para finalizar, professor, qual o seu hobby favorito?

Bom, eu gosto muito, conforme vocês podem ver na minha biblioteca de discos aqui, de escutar música. Tenho mais de 25 mil CDs, basicamente de música clássica, mas também tenho um pequeno repertório de música, digamos, mais popular. Mas o que eu vivo para ouvir é a música clássica.



A meta de Cerqueira Leite é montar um museu permanente que reúna suas coleções de artes, que ele considera como um patrimônio cultural importante para o Brasil

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 4 e 5